



O lugar da cultura na teoria do desenvolvimento de Amartya Sen: apontamentos conceituais

Silvio de Oliveira¹
Ivann Carlos Lago²

Submissão: 15/11/2021

Aceite: 18/02/2022

Resumo

Este artigo apresenta o resultado de um estudo sobre o espaço conferido à cultura na teoria de Amartya Sen, expondo minúcias desse sofisticado ferramental teórico, que se propõe a explicar algumas das complexidades e sutilezas inerentes a esse campo de investigação. A revisão bibliográfica recupera os debates precursores sobre a relação entre cultura e desenvolvimento, os quais remontam à modernidade clássica, detalhando os diálogos interdisciplinares estabelecidos por Amartya Sen em sua teoria do desenvolvimento. São analisadas as abstrações contidas na teoria seniana, relacionadas com a dimensão cultural, detectando influências e escolhas teóricas, bem como critérios metodológicos para orientar e aprofundar o debate científico em torno da temática cultural. As características da relação entre cultura e desenvolvimento são identificadas na mencionada teoria, a exemplo das naturezas condicionante, influente e interferente. Avalia-se que a teoria seniana para o desenvolvimento está inserida nos debates interdisciplinares estabelecidos pelos Estudos Culturais.

Palavras-chave: Amartya Sen. Cultura e desenvolvimento. Análise conceitual. Estudos culturais.

The place of culture in Amartya Sen's theory of development: conceptual notes

Abstract

This article presents the result of a study about the dedicated space to culture in Amartya Sen's theory, exposing details of this sophisticated theoretical tool, which aims to explain some of the complexities and subtleties inherent in this field of investigation. The bibliographical review recovers the precursor debates about the relationship between culture and development, which date back to classical modernity, detailing the interdisciplinary dialogues established by Amartya Sen in his theory of development. Abstractions contained in Senian theory, related to the cultural dimension, are analyzed, detecting influences and theoretical choices, as well as methodological criteria to guide and deepen the scientific debate around the cultural theme. The characteristics of the relationship between culture and development are identified in the aforementioned theory, such as the conditioning, influential and interfering natures. It is evaluated that Senian theory for development is inserted in the interdisciplinary debates established by Cultural Studies.

Keywords: Amartya Sen. Culture and development. Conceptual analysis. Cultural studies.

1 Introdução

Influenciados pela herança smithiana e, mais diretamente, pela tradição marshalliana, autores como Theodore W. Schultz (1960, 1974) e Gary S. Becker (1962) elaboraram estudos pioneiros que ajudaram a consolidar a perspectiva do capital humano como abordagem analítica, envolvendo pesquisas sobre desenvolvimento econômico, no período pós-Segunda Guerra

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (UFFS).

<https://orcid.org/0000-0002-0210-401X> E-mail: sdo.academico@gmail.com

² Doutorado em Sociologia Política (UFSC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Políticas Públicas (UFFS). <https://orcid.org/0000-0001-5521-4733> E-mail: ivann@uffs.edu.br

Mundial. Nas décadas seguintes, apoiadas na precursora microsociologia weberiana, densas pesquisas sobre capital social, simbólico e cultural (v.g., BOURDIEU, 2002; PUTNAM, 2006) somaram importantes contribuições para essa vertente teórica de compreensão das relações entre cultura e desenvolvimento.

Paralelamente a esse movimento acadêmico, Amartya Sen empreendeu estudos interdisciplinares, produzindo sua própria teoria do desenvolvimento, a qual acentua o papel dos atores sociais, com prioridade às pessoas na condição de protagonistas, sem desconsiderar, no entanto, a importância dos demais agentes, como o Estado, o mercado, a comunidade, a mídia. Sen foi um dos principais responsáveis pela incorporação da dimensão social e humana às políticas dos organismos internacionais, como o Banco Mundial e a Organização das Nações Unidas. Seu ferramental teórico inspirou o estabelecimento do paradigma do Desenvolvimento Humano pela ONU, por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), junto ao qual atuou nos anos 1990.

A partir de pesquisa bibliográfica, este estudo tem o propósito de aprofundar a compreensão sobre as relações entre cultura e desenvolvimento na teoria do desenvolvimento de Amartya Sen, detalhando como esse autor realiza suas análises a partir da dimensão cultural em algumas de suas obras. Pretende-se, portanto, responder às seguintes indagações: de que modo e sob qual perspectiva a abordagem seniana se insere no debate sobre cultura e desenvolvimento? Qual a natureza das relações entre cultura e desenvolvimento para Sen? Como os argumentos desse autor inovam, complementam, potencializam e/ou refutam proposições anteriores sobre capital humano e capital social? As contribuições de Sen poderiam ampliar o escopo analítico dos estudos culturais relacionados ao desenvolvimento?

Trata-se, assim, de tentar identificar pressupostos, categorias de análise, problematizações, argumentos e conceitos contidos no pensamento seniano potencialmente pertinentes ao debate sobre as relações entre cultura e desenvolvimento. Este trabalho foi elaborado com apoio do arcabouço epistemológico produzido pelos Estudos Culturais, enquanto emergente campo acadêmico interdisciplinar de produção de conhecimento sobre cultura a partir de diálogos estabelecidos entre diversos ramos das Ciências Humanas e Sociais (CARVALHO, 2010; ESCOSTEGUY, 2010, p. 137; ORTIZ, 2004; WORTMANN *et al.*, 2019, p. 4-11).

Além desta introdução, o texto está estruturado em três tópicos. A segunda seção traz um panorama geral acerca a presença do conceito de cultura nos debates sobre o desenvolvimento, especialmente no período pós-Segunda Guerra, com destaque para a consolidação dos conceitos de “capital humano” e “capital social”. A terceira seção apresenta alguns dos elementos centrais

da teoria de Amartya Sen, em especial suas formulações acerca da delimitação do conceito de desenvolvimento, para então buscar, a partir dele, as possíveis interfaces com o debate sobre a cultura como variável a ser considerado nesse campo de estudos. Por fim, a quarta e última seção apresenta algumas conclusões iniciais, as quais apontam para a existência de interfaces epistemológicas entre as abordagens mais tradicionais da relação entre cultura e desenvolvimento e a perspectiva seniana sobre o tema, alertando, contudo, para o fato de que, na teoria do pensador indiano, a questão central não é indicar *se* a cultura importa, mas compreender *como* essa importância se dá.

2 A incorporação da cultura no debate sobre o desenvolvimento

Desenvolvimento e cultura são termos polissêmicos (LAGO, ROTTA, 2018, p. 354) e remetem a campos do conhecimento relativamente recentes. Derivado da Economia, o Desenvolvimento passa a identificar um fenômeno distinto de crescimento econômico durante o século XX. A Sociologia e a Antropologia se estabeleceram como ciências modernas ao final do século XIX, tendo como um de seus objetos de pesquisa a cultura, que antes era estudada por filósofos, historiadores e outros intelectuais. Embora, em tese, inexista uma relação necessária entre cultura e desenvolvimento, na sociedade moderna esse liame tornou-se inafastável (ORTIZ, 2008, p. 126).

No início do século XX, Max Weber realizou análises detalhadas de ações sociais observadas no ambiente ético, cultural e religioso protestante – especialmente calvinista – demonstrando a existência, em tal ambiente, de um conjunto de elementos compatíveis com propósitos de prosperidade econômica no sistema capitalista. É importante ressaltar que Weber não adotou uma perspectiva determinista no estudo dessa relação: a efetiva ocorrência do fenômeno, por depender de uma complexa dinâmica, não seria uma simples decorrência de fatores culturais. Exemplos de ações associadas à ética protestante que teriam afinidades com o progresso econômico seriam o intenso incentivo à alfabetização, à frugalidade, à disciplina, à poupança, à dedicação ao trabalho, ao hábito de evitar desperdício de tempo, entre outras examinadas por Weber (2004). Sem tomar a “ética protestante” como a causa única e direta do capitalismo, Weber demonstra como ela possui um conjunto de “afinidades eletivas” com o “espírito capitalista”, servindo-lhe de combustível e criando as condições culturais para sua expansão como modo de vida e de organização sociopolítica.

Décadas depois, Schultz, retomando algumas ideias de Marshall, apontou que a educação, enquanto fator produtivo, gera desdobramentos no campo econômico o que, por derivação, impacta o desenvolvimento econômico. O referido teórico reconheceu que o conceito de educação está intimamente associado à cultura de cada comunidade, sugerindo que seria a cultura, variando de comunidade para comunidade, quem atribuiria um valor peculiar à educação em sentido amplo. Schultz limitou sua abordagem a educação como “conjunto especializado de atividades”. Disso resulta que o investimento em instrução (ensino e aprendizado) colabora para a melhoria do desempenho em termos de crescimento econômico (renda nacional). Schultz expôs a ideia de que a educação pode gerar efeitos na cultura e na economia (1960, p. 572), porém não adentrou no mérito do debate entre cultura e desenvolvimento econômico – apenas o tangenciou. Dessa forma, Schultz trabalhou com um sentido restrito de investimento em produção para formação de capital humano, como fator de crescimento econômico.

Por sua vez, Becker desenvolveu abordagem no sentido de que capital humano consiste no valor que habilidades possuem enquanto potencial de gerar ganhos pessoais e oportunidades sociais, buscando demonstrar essa relação inclusive por meio de recursos matemáticos. Esse autor afirma que atitudes familiares em relação à educação dos filhos interferem no progresso das pessoas e das comunidades, o que reflete no desempenho macroeconômico. Dessa forma, pode-se identificar uma relação de complementaridade entre as contribuições de Schultz e Becker para a teoria do capital humano, que argumentaram em favor da ampliação do estoque dessa categoria de capital. Mesmo sem aprofundar as análises sobre a relação entre cultura e desenvolvimento, as abordagens de Schultz e Becker sobre capital humano tiveram importância em instigar a retomada do debate sobre esse tema.

Na década de 1970, Pierre Bourdieu recuperou a noção de capital social (VARGAS, 2002, p. 72-73) e inaugurou as categorias analíticas de capital cultural e capital simbólico (1996, 2002), identificando que o *habitus* e as percepções da respectiva classe social influenciavam as ações e, por consequência, o desempenho dos atores sociais nos respectivos *campi* de atuação por meio de acumulação dessas categorias de capital. Crenças, tradições, visões de mundo, ideias sobre si mesmo e sobre os outros são elementos que definem o *habitus* de grupos sociais, as maneiras de agir que os inserem em um determinado *campus*. Esse pertencimento coletivo e os elementos culturais que o determinam constituem padrões comportamentais que, por sua vez, possuem relação direta com certos modelos de organização social, política e econômica.

Igualmente amparadas em resultados empíricos, as pesquisas de Robert Putnam consolidaram a abordagem de capital social enquanto categoria de análise no campo do

desenvolvimento econômico. Em extenso estudo das regiões italianas, esse autor observou que o desenvolvimento era impactado pelo modo como a população se envolvia nos processos sociais em diferentes espaços. As investigações de Putnam evidenciaram que a presença de “regras de reciprocidade e os sistemas de participação cívica”, enquanto ações sociais coletivas, ajudavam a explicar por que o modelo de descentralização implementado na Itália foi mais exitoso no Norte do país que na região meridional (2006, p. 190-194). A história, as tradições e a prática de ações coletivas estavam, segundo o autor, na base de diferenças significativas entre as regiões italianas no que diz respeito ao envolvimento dos cidadãos nas questões públicas e na organização das atividades, tanto políticas, quanto econômicas. Mais uma vez a cultura surge como variável importante na configuração dos padrões atitudinais e de comportamento que, por sua vez, são elementos centrais para compreender os distintos padrões de desenvolvimento identificados em regiões e grupos sociais específicos.

Como mencionado no início desta seção, cultura é um significante que possui múltiplos significados. A partir da evolução das abordagens envolvendo especificamente capital humano e capital social, verifica-se as perspectivas sobre cultura foram ampliadas, bem como foi aproximada sua relação com o desenvolvimento. Ou seja, principalmente com as contribuições de Bourdieu e Putnam, a cultura passou a ser vista menos como insumo ao desenvolvimento e adquiriu *status* de conjunto de variáveis que importam para o desenvolvimento como resultado da ação humana. Em razão dessa aproximação epistemológica, inclusive, defende-se o argumento em favor da utilização do conceito antropológico (amplo) de cultura no estudo da relação desta com o desenvolvimento (LAGO, ROTTA, 2018, p. 358 e ss.).

Vale ponderar que os conceitos antropológicos de cultura dialogam com a produção intelectual proveniente de vários campos do conhecimento. Além da Filosofia – das quais as demais disciplinas derivaram, direta ou indiretamente –, Sociologia, Psicologia Social, História, Comunicação e Ciência Política são exemplos de ramos científicos que também contribuem para a compreensão da cultura e envidam esforços contra a fragmentação do conhecimento. Nesse contexto, a produção dos Estudos Culturais, enquanto campo de estudo transversal construído pelos diálogos entre disciplinas (CARVALHO, 2010; ORTIZ, 2004), pode auxiliar nas compreensões sobre cultura, qualificando a análise proposta neste artigo de sua relação com o desenvolvimento, somando contribuições em favor da abertura conceitual e do mencionado amplo significado.

Uma vez realizada a contextualização geral sobre o surgimento dessas categorias de análise e como essas abordagens vinculam-se ao debate sobre o desenvolvimento, passa-se ao estudo de como ocorre o exame das relações entre cultura e desenvolvimento na teoria seniana.

3 As contribuições teóricas de Amartya Sen

Diante dos objetivos definidos para esta pesquisa, opta-se por iniciar o estudo desta seção pela via cognitiva, através do encadeamento de abstrações produzidas por Amartya Kumar Sen. Uma vez identificados os significados de suas ideias centrais, considera-se serem mais viáveis as análises do pensamento seniano e de sua inserção nos estudos sobre a relação entre cultura e desenvolvimento.

Amartya Sen atribuiu o seguinte significado ao desenvolvimento (2010a, p. 10): “consiste na eliminação de privações de liberdade que limitam as escolhas e as oportunidades das pessoas de exercer ponderadamente sua condição de agente”. Da análise dessa abstração resulta que se refere a um fenômeno composto por múltiplas dimensões e que sinaliza para escolhas e influências teóricas de Sen. Liberdade está relacionada à decisão sobre os rumos da vida e isso tem forte relação com as ideias de poder e de valor, além de uma vinculação filosófica com o liberalismo clássico. As privações de liberdade podem assumir diferentes conotações, de acordo com o tempo, o espaço e o contexto, mas estão relacionadas a uma perspectiva pluridimensional, que envolve o social, o econômico, o ambiental e o cultural.

Na referida abstração, as pessoas são ao mesmo tempo os beneficiários e os produtores desse fenômeno de eliminação de limites para uma vida digna. Ao prever que a ação precisa ser ponderada, há uma nítida alusão à racionalidade, que remete a um dos pilares da modernidade clássica enquanto projeto de sociedade. Avalia-se que esse seja um pressuposto do constructo de desenvolvimento na teoria seniana. No entanto, Sen não prevê que as pessoas precisam exercer *exclusivamente* de modo ponderado sua condição de agente. Desse modo, haveria espaço, por exemplo, para a racionalidade coexistir com as subjetividades das pessoas, seus valores, crenças, percepções, simbologias, entre outros elementos culturais (2010a, p. 319 e 355-358).

Se comparados o constructo de desenvolvimento formulado por Sen com o conceito de desenvolvimento humano adotada pelas Nações Unidas, é possível identificar uma significativa simbiose, a qual sugere forte influência da teoria seniana: “um processo de ampliação das escolhas das pessoas para que elas tenham capacidades e oportunidades para serem aquilo que desejam ser” (ONU, s. d.). Avalia-se que, embora sem ter menção ao termo liberdade, a abstração empregada pelas Nações Unidas está permeada por essa concepção. Não por acaso, o foco nas

escolhas estão presentes em ambas as formulações. Além disso, o conceito de capacidade foi reformulado por Sen, o que será adiante analisado.

No constructo de desenvolvimento formulado por Sen está inserido o termo *agente*. Amartya Sen elabora o seguinte conceito de agente: “alguém que age e ocasiona mudança e cujas realizações podem ser julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos, independentemente de as avaliarmos ou não também segundo algum critério externo” (SEN, 2010a, p. 34). Sen adverte que *agente* se trata de pessoa participante das ações econômicas, sociais e políticas (SEN, 2010a, p. 34). Vale mencionar que, na avaliação objetiva e interpretativa das ações, seria possível preservar a ética subjetiva do agente (2002, p. 57-59).

Amartya Sen aponta que desenvolvimento é resultado de um esforço conjunto envolvendo as pessoas e, também, “o Estado, o mercado, o sistema legal, os partidos políticos, a mídia, os grupos de interesse público e os foros de discussão pública (SEN, 2010a, p. 11)”. Em seu conceito de desenvolvimento acima apresentado, resulta claro que os agentes protagonistas desse fenômeno são as pessoas, as quais interagem com os demais agentes.

É fundamental ressaltar que, na teoria seniana, a prioridade e o protagonismo recaem sobre as pessoas, o que significa que os demais agentes (como as instituições políticas, jurídicas e econômicas, por exemplo) são reconhecidos como entidades criadas artificialmente pelas pessoas para organizar a vida em sociedade. Por exemplo, o mercado é o agente mentalmente criado para organizar os assuntos econômicos, ao passo que a mídia serve para atuar na comunicação social. Mas é relevante frisar que todos os demais agentes são criaturas do intelecto humano e de suas experiências, tendo sido idealizados com o propósito de melhorar a condição de vida das próprias pessoas e do ambiente em que vivem.

Dessa forma, resulta evidente que a teoria seniana para o desenvolvimento, embora esteja filosoficamente vinculada ao liberalismo político como constructo teórico clássico, especialmente em função de sua concepção de liberdade, não se confunde com uma proposta “neoliberal”, pois é no “neoliberalismo” que se prega o protagonismo do mercado, enquanto agente que “distribui as cartas” na sociedade, subordinando os demais agentes, inclusive as pessoas, às “pressões” e “humores” do mercado.

Retornando ao conceito de agente, Sen entende que as mudanças e realizações podem ser “julgadas de acordo com seus próprios valores e objetivos, independentemente de as avaliarmos ou não também segundo algum critério externo” (SEN, 2010a, p. 34). Esse posicionamento parece estar relacionado com a perspectiva de um relativismo cultural moderado. Tal postura intelectual aparece sob aspecto político, epistêmico e pedagógico na

teoria seniana (SEN, 2004, p. 38). Sen, criticando severamente abordagens realizadas por Samuel Huntington, insiste que os valores importam, mas que comparações só fazem sentido se realizadas com extremo cuidado e quando envolver experiências realmente similares com as demais dimensões do desenvolvimento, ou seja, precisam cotejar realidades política, econômica, social e ambiental muito parecidas (SEN, 2004, p. 40), além de ser inviável essa análise a partir classificações identitárias sob aspecto da homogeneidade mediante o critério exclusivamente baseado, por exemplo, em predominância religiosa (SEN; KLIKBERG, 2010, p. 47).

Amartya Sen rejeita veementemente o determinismo cultural, porque entende que a cultura consiste em *uma* dimensão da vida (2010a, p. 356), e “a cultura não é um atributo homogêneo – pode haver grandes variações mesmo dentro do mesmo meio cultural geral” (SEN, 2004, p. 43), de modo que a heterogeneidade não seria um elemento descaracterizador de uma cultura. Ademais, o autor indiano avalia ainda que a cultura é dinâmica, ou seja, apresenta tendência de evoluir e de variar no tempo, inclusive por meio da interação com outras culturas (SEN, 2004, p. 44). A partir dessa compreensão, reconhecimento e integração, a cultura pode ser, segundo o referido autor, uma parte muito positiva e construtiva na nossa compreensão do comportamento humano e do desenvolvimento social e econômico (SEN, 2004, p. 44). Amartya Sen, desse modo, adota uma nítida e firme perspectiva defensora da possibilidade intercultural de mútuo aprendizado construtivo.

Sen entende que as influências culturais podem importar em diferenças para ética no trabalho, conduta responsável, motivação vigorosa, gestão dinâmica, iniciativas empreendedoras, disposição para assumir riscos, e uma variedade de outros aspectos do comportamento humano que podem ser críticos para sucesso econômico (2004, p. 40), mas sem atribuir uma relação de causa e consequência para as relações sociais que integram a dinâmica da vida. Que a cultura importa para o desenvolvimento, isso é tratado como um axioma por Sen (2004, p. 38). Contudo, no pensamento seniano, o problema de pesquisa relevante no estudo da relação entre cultura e desenvolvimento consiste em indagar: *como* a cultura importa? (2004, p. 37-38).

Tais posicionamentos parecem ser mais bem compreendidos pelo movimento epistemológico realizado por Sen em sua teoria para o desenvolvimento. Por entender que o desenvolvimento dependeria, em parte, de um “resgate” de valores clássicos do projeto liberal de sociedade moderna, é a atenta e profunda leitura da obra de Adam Smith que o agraciado com o Prêmio Nobel da Economia de 1998 realiza, identificando que o comportamento real também é influenciado pela ética, e não apenas o contrário (SEN, 2002, p. 67-8).

Sen aponta reiteradas leituras errôneas da obra de Adam Smith, as quais contribuíram para o descaso com a dimensão ética e comportamental no campo da economia e do desenvolvimento, prejudicando severamente o debate científico (SEN, 2002, p. 40-3). Também é fundamental ressaltar que Sen demonstra ser possível analisar as motivações das pessoas, na condição de agentes, sob viés objetivo (SEN, 2002, p. 57-8). Além disso, o teórico indiano detalha de que modo, enquanto agente, a pessoa tem outras motivações que não apenas o auto-interesse e o próprio bem-estar (SEN, 2002, p. 71). Isso significa que Adam Smith não se baseia em “motivação única”, nem coloca o auto-interesse e o “amor-próprio” na frente de outros valores e ações (SEN, 2002, p. 39).

Amartya Sen esclarece que as análises smithianas do auto-interesse foram realizadas em contextos específicos (SEN, 2002, p. 41), não podendo essa teoria político-econômica clássica ser resumida a essas particularidades. Da mesma forma, resumir o comportamento favorável ao liberalismo genericamente por meio da bonomia ou bondade é insuficiente para explicar os valores envolvidos nesse projeto de sociedade (SEN, 2002, p. 78). No mesmo sentido, limitar as ações favoráveis à prosperidade a bonomia, simpatia e comprometimento seria uma brutal restrição epistêmica (SEN, 2002, p. 105).

Sen considera válida a categoria analítica do capital humano, ou seja, não pretende substituí-la (1998, p. 88; 2010a, p. 376). No entanto, elaborou constructo de capacidade humana que transcende o de capital humano, na perspectiva de que “consiste nas combinações alternativas de funcionamentos cuja realização é factível para ela” (SEN, 2010a, p. 105). Portanto, significa o preparo de que a pessoa dispõe para alcançar um objetivo, e tem importância direta e indireta para ocorrência do desenvolvimento (SEN, 1998, p. 89). O constructo de Sen de capacidade humana é complementar ao conceito de capital humano, de modo que entre eles há uma relação de interdependência (1998, p. 90; 2010a, p. 331-332). Também em razão disso, mais que um fator de desenvolvimento, Sen considera que a cultura consiste em parte constitutiva do desenvolvimento (2004, p. 39).

Quanto à categoria analítica de capital social, mencionando Putnam, Sen enumera confiança mútua, solidariedade, apoio, preservação coletiva, normas implícitas e ausência de corrupção como modos comportamentais que estão relacionados e podem influenciar muito para um exitoso projeto de desenvolvimento (2004, p. 40-41; 2010a, p. 99). Sen pondera que os sentimentos e inclinações conformadores de capital social são modos importantes ao desenvolvimento quando admitem a inclusão de novos membros ao grupo ou comunidade (2004, p. 41).

Especificamente na análise da relação entre cultura e desenvolvimento, Sen afirma que, por exemplo, valores e atitudes são importantes, ao mencionar que o cultivo da tolerância e celebração da diversidade são algumas características centrais para o desenvolvimento (SEN, 2004, p. 42). Em outro exame Sen afirma que tradições de cultura política *condicionam* em parte o desenvolvimento enquanto fenômeno participativo (2004, p. 40). Outros modos de realizar as ações sociais – a exemplo das que impliquem corrupção – são consideradas incompatíveis com sua proposta de desenvolvimento, (SEN, 2010a, p. 350). Esses entendimentos, associados à perspectiva qualitativa que – repete-se – Sen defende ser atribuível à cultura (2004, p. 38) e, por derivação, aos valores, sinalizam para que alguns elementos culturais podem estar presentes em distintas sociedades, todavia o modo como eles se manifestam pode interferir no fenômeno do desenvolvimento.

Em outras palavras, em determinadas situações, um valor “x” pode estar presente tanto no grupo “a” quanto no grupo “b”. Contudo, o modo como esse valor é operacionalizado pode ter influências distintas. Sendo mais específico, adota-se um exemplo hipotético: embora nos grupos “a” e “b” o valor atribuído à solidariedade e a ação solidária possam estar presentes, parece que o modo como cada grupo concebe e pratica a solidariedade é que importa para o desenvolvimento, pois esse aspecto qualitativo geraria distintos desdobramentos para o desenvolvimento.

Também é importante ressaltar que Sen vê a cultura como um conjunto de variáveis não estáticas (2004, p. 42-43). Dessa forma, por exemplo, valores seriam formados e transformados no tempo pelo próprio grupo, através de debates participativos e também pela aceitação tácita, ideias essas que parecem alinhadas com a perspectiva antropológica de Laraia (2001, p. 94-101). Em razão da inerente mutabilidade das variáveis culturais no tempo, as teorias culturais sobre o desenvolvimento, a exemplo da teoria weberiana, tenderiam a estar “um passo atrás do mundo da prática” (SEN, 2004, p. 49).

A teoria relacionada ao desenvolvimento humano elaborada por Amartya Sen, quando examinada a partir das perspectivas política, econômica, social, cultural e ambiental, demonstra conter a abordagem, em maior ou menor intensidade, de todas as referidas dimensões. Verifica-se ainda que, ao longo das décadas, o referido autor cuidou de consolidar sua teoria, referenciando outras obras suas publicadas anteriormente, como forma de acumular e depurar o conhecimento produzido para explicar a realidade social. Esse processo foi influenciado inclusive pelos diálogos estabelecidos a partir de críticas que sua teoria recebeu.

Embora Amartya Sen não seja antropólogo nem sociólogo de formação, da leitura atenta de suas obras resulta evidenciado que o referido teórico indiano realiza suas análises e interpretações da realidade sem desconsiderar a dimensão cultural. Mais que isso, Sen dedica atenção à cultura não apenas como fator de desenvolvimento, mas também – e principalmente – no sentido amplo, relacionado a valores, percepções, crenças, simbologias, hábitos e modo de manifestar e organizar a vida em sociedade, o que parece compatível, por exemplo, com a proposta conceitual de Geertz (2011, p. 66):

um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida.

No entanto, a abordagem seniana também trabalha a cultura como relação que dá sentido para a sociedade, pela perspectiva bourdieusiana, de modo que o seguinte conceito também parece compatível com a abordagem realizada na teoria seniana (CANCLINI, 2015, p. 41): “cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação da vida social”. A partir desse ângulo de observação, seriam os processos sociais que conteriam os sentidos e as diferenças, e não o ato intelectual solitário de realizar classificações desprovidas de sustentação na realidade empírica (SEN, KLIKSBURG, 2010, p. 48).

Em seus escritos, Sen adota a cultura como adjetivo como, por exemplo: “fatores culturais”, “influências culturais”, “atividades e objetos culturais”, “identidade cultural”, “características culturais”, “presença cultural” (2004, p. 39, 40, 43, 44, 49; 2010a, p. 311). Essa concepção é perceptível quando Sen sugere o estudo do modo como as ações são realizadas, o que propicia o debate intercultural e as interações entre sistemas socioculturais (CANCLINI, 2015, p. 49):

Ao propormos estudar o cultural, abarcamos o conjunto de processos através dos quais dois ou mais grupos representam e intuem imaginariamente o social, concebem e gerem as relações com outros, ou seja, as diferenças, ordenam sua dispersão e sua incomensurabilidade mediante uma delimitação que flutua entre a ordem que torna possível o funcionamento da sociedade, as zonas de disputa (local e global) e os atores que a abrem para o possível.

Ao apreender essas perspectivas de abordagem envolvendo cultura – e o cultural –, articulando as concepções substantiva e adjetiva, avalia-se que a teoria seniana, sem propor, adotar ou filiar-se expressamente (a) um conceito de cultura, contribui, possivelmente de forma despreziosa, para a produção dos Estudos Culturais relacionados ao desenvolvimento. Parece

inserir-se nesses debates interdisciplinares por meio das reflexões teóricas, muitas delas amparadas em dados secundários, inclusive fatos históricos, mas sem a realização de atividade prévia de coleta de dados em campo.

Esse recurso analítico e esse modo de exame da realidade possivelmente estejam relacionados com a formação interdisciplinar de Sen e de suas peculiares experiências de vida envolvendo interculturalidades no Oriente e também pelos intercâmbios acadêmicos e profissionais entre as macrorregiões ocidental e oriental do planeta (2021, não paginado). Canclini (2009, p. 128) afirma que “estudar a cultura requer [...] converter-se em especialista das interseções”. Parece que Sen há tempo já desenvolveu essa habilidade.

4 Considerações finais

O desenvolvimento constitui um campo de estudos epistemologicamente bastante amplo. O conjunto de variáveis que são tomadas nas análises teóricas das diferentes abordagens é vasto, e continua a crescer. As abordagens culturais têm trazido importantes contribuições ao debate, especialmente na medida em que apontam para a importância da cultura não como simples insumo ao desenvolvimento, mas como pano de fundo e como variável estruturante a moldar todos os elementos envoltos em tal fenômeno.

Amartya Sen reconhece a importância das abordagens culturais, em suas diversas vertentes, para o estudo do desenvolvimento. Contudo, alerta para problemas de delimitação e de abordagem no estudo das relações entre desenvolvimento e cultura. Alerta para o dinamismo da cultura e para a multiplicidade de suas formas de manifestação como limites epistemológicos, e argumenta em favor de abordagens que busquem as sutilezas dessa relação, inclusive como recurso para evitar as tentações do determinismo. Nesse sentido, suas análises podem contribuir significativamente para o aprimoramento das abordagens culturais nos estudos sobre o desenvolvimento, oferecendo elementos teóricos e metodológicos que permitem sofisticar as inferências feitas, especialmente refinando as análises e tornando-as mais atentas às sutilezas, tão comuns em todos os aspectos referentes à cultura.

Da análise das obras que compõem o objeto de estudo considera-se que a abordagem seniana se insere de modo explícito no debate sobre cultura e desenvolvimento. Nem sempre as análises e argumentações envolvendo essas relações estão inseridas em suas obras ou tópicos específicos dedicados à cultura, estando também difusas na exposição de ideias que esse autor desenvolve interdisciplinarmente. Norteadas pela perspectiva da relativização dos padrões

culturais, as abordagens das relações entre cultura e desenvolvimento aparecem como detentoras de natureza influente e condicionante. Como as análises frequentemente são realizadas na perspectiva interdisciplinar, conjugando sociedade e cultura, avalia-se que Sen atribui ainda uma natureza interferente às relações socioculturais quando consideradas as ações das pessoas, enquanto agentes (atores) sociais.

À cultura e às características culturais é conferido um *status* de dimensão integrante do fenômeno do desenvolvimento. Não apenas o desenvolvimento recebe uma abordagem interdisciplinar, mas também as ideias sobre cultura e sobre o cultural, às quais Sen confere uma conotação ampla para seus significados, especialmente entre a via filosófica e socioantropológica. As escolhas teóricas contidas nas obras estudadas favorecem as análises interculturais, de modo que as diferenças e singularidades não consistem em barreiras para ocorrência do fenômeno do desenvolvimento.

As obras de Amartya Sen acolhem as categorias de análise capital humano e capital social, bem como avançam epistemologicamente por meio de complementações e atualizações, visando fundamentar a teoria seniana para o desenvolvimento. Para isso, Amartya Sen tanto considera contribuições teóricas produzidas na segunda metade do século XX, como também resgata elementos ético-culturais da modernidade clássica. Sen reconhece limitações inerentes às teorias que se dedicam aos estudos culturais no campo do desenvolvimento, enquanto ferramentas explicativas da realidade social, diante da dinâmica da vida em sociedade. Metodologicamente, orienta a pesquisa para a formulação adequada de perguntas científicas sobre as complexas relações entre cultura e desenvolvimento.

Referências

AMARTYA SEN - Biográfico. NobelPrize.org. **Divulgação do Prêmio Nobel AB 2021**. Disponível em <https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1998/sen/biographical/>. Acesso em 03 out. 2021.

BECKER, Gary S. Investment in Human Capital: A Theoretical Analysis. *In*: Investment in Human Beings. **The Journal of Political Economy**. Vol. LXX, No. 5, Parte 2, University of Chicago Press, p. 9-49, 1962, Outubro. Disponível em <http://www.nber.org/chapters/c13571>. Acesso em 04 set. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Esboço de uma teoria da prática**: precedido de três estudos de etnologia Cabila. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta Editora, 2002.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **La reproducción**: Elementos para una teoría del sistema de enseñanza. México: Fontamara, 1996.

CANCLINI, Néstor G. A cultura extraviada nas suas definições. *In*: Canclini, Néstor G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015, p. 35-53.

CARVALHO, José Jorge. Los Estudios Culturales en América Latina: interculturalidad, acciones afirmativas y encuentro de saberes. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 12, p. 229-251, ene./jun. 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/tara/n12/n12a14.pdf>

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LAGO, Ivann Carlos; ROTTA, Edeimar. Sobre a relação entre Cultura e Desenvolvimento: alguns apontamentos em defesa do conceito antropológico de cultura. **Redes** (St. Cruz do Sul Online), Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 3, p. 353-366, set. 2018. ISSN 1982-6745. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/article/view/12517>. Acesso em: 15 set. 2021. doi: <https://doi.org/10.17058/redes.v23i3.12517>.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

ORTIZ, Renato. Cultura e Desenvolvimento. **Políticas Culturais em Revista**, Salvador, 1(1), p. 122-128, 2008. Disponível em [hhttps://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194/2304](https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194/2304). Acesso em 15 set. 2021

ORTIZ, Renato. Estudos Culturais. **Tempo Social**, v. 16, n. 1, 2004, p. 119- 127. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ts/a/C7ycvjMMTCRVFY99PTFrj3h/?lang=pt>

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). O que é Desenvolvimento Humano. [s. d.]. Disponível em <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/introducao.html>. Acesso em 02 out. 2021.

PUTNAM, Robert D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Tradução Luiz Alberto Monjardim. 5 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SCHULTZ, Theodore W. The High Value of Human Time: Population Equilibrium. *In*: SCHULTZ, Theodore W. (Ed.) Marriage, Family, Human Capital, and Fertility. **Journal of Political Economy**, 82(2), Parte II, Abril, 1974. Disponível em <http://www.nber.org/books/schu74-2>. Acesso em 04 set. 2021.

SCHULTZ, Theodore W. Capital Formation by Education. **Journal of Political Economy**, vol. 68, no. 6, University of Chicago Press, 1960, pp. 571–83. Disponível em <http://www.jstor.org/stable/1829945>. Acesso em 15 set. 2021.

SEN, Amartya; KLIKSBURG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

SEN, Amartya. How Does Culture Matter? *In*: Vijayendra Rao and Michael Walton (Eds.) **Culture and Public Action**. California: Stanford, 2004. Disponível em: <https://documents1.worldbank.org/curated/en/243991468762305188/pdf/298160018047141re0and0Public0Action.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

SEN, Amartya. Las Teorías del Desarrollo a Principios del Siglo XXI. Universidad Nacional de Colombia, **Cuadernos de Economía** 29, Facultad de Ciencias Económicas, Colombia, 1998, p.

73/100. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4934951.pdf>. Acesso em: 21 set. 2021.

SEN, Amartya. **Sobre ética e economia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VARGAS, G. Hacia una teoría del capital social. **Revista de Economía Institucional**, v. 4, n. 6, p. 71-108, 2 fev. 2002. Disponível em <https://revistas.uexternado.edu.co/index.php/ecoins/article/view/241>. Acesso em 19 set. 2021.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos; RIPOLL, Daniela. Apontamentos sobre os Estudos Culturais no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 4, e89212, 2019.